

ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CC LUIZ PAULO TOJEIRA VELÔZO

A INFLUÊNCIA DA TEORIA DO ALMIRANTE CASTEX NA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA NO
SÉCULO XXI.

Rio de Janeiro

2022

CC LUIZ PAULO TOJEIRA VELÔZO

A INFLUÊNCIA DA TEORIA DO ALMIRANTE CASTEX NA ESTRATÉGIA NAVAL CHINESA NO
SÉCULO XXI.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Alexandre Tito dos Santos Xavier

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui. Os desafios foram enormes, mas Ele me deu saúde e resiliência para manter o foco e alcançar o êxito.

Aos meus pais, Luiz e Luiza (*in memoriam*) por terem construído um “ninho” forte e amoroso, onde cresci e fui educado e, assim, quando chegou a minha hora, bati “asas e voei” meu próprio caminho, com a total confiança de que a educação e o amor que recebi deles me prepararam para os desafios da vida. E à minha irmã, Liliane, Doutora em Engenharia Civil, fonte de exemplo, dedicação e afincos aos estudos, que dividiu esse “ninho” comigo e sempre me apoiou incondicionalmente.

À minha esposa Gabriela e à minha filha Isabela, que são a razão da minha vida e me apoiaram durante esta árdua caminhada. Elas são a fonte da minha energia e o norte da derrota que me conduz à felicidade e a realização completa como homem.

Ao meu orientador, Comandante Tito, com quem tive a honra de servir e tê-lo como exemplo ímpar, de postura e atitude de um verdadeiro nauta. A sua ajuda, orientação, paciência, polidez e camaradagem foram fundamentais para o bom andamento e conclusão deste trabalho.

RESUMO

O espantoso e rápido crescimento econômico da República Popular da China criou o ambiente perfeito para seu destaque e influência no cenário global. Esse grande desenvolvimento econômico criou uma consciência situacional que fomentou o desenvolvimento militar e a criação de estratégias para proteger tanto o território continental quanto os interesses econômicos mais distantes. Dentro desse diapasão, o objetivo deste trabalho é verificar a aderência entre a estratégia naval do Almirante Raoul Castex, conhecida como “tríptico de Castex”, com foco nas Linhas de Comunicação Marítima, e a estratégia naval utilizada pela Marinha do Exército de Libertação Popular da China, para se desenvolver tecnologicamente e construir uma quantidade impressionante de meios a fim de proteger seus interesses econômicos além-mar, no contexto temporal de 2000 a 2021, por meio da pesquisa bibliográfica e documental. Para tal, fez-se uso da análise dos fundamentos teóricos e dos métodos e meios da estratégia naval da República Popular da China para se expandir pelo mundo. Por fim, chegou-se à conclusão de que a proteção *offshore* é um objetivo concreto de Pequim, porém, embrionário e que possui uma forte ligação com a visão de Castex.

Palavras-chave: Castex, China, Estratégia Naval, Linhas de Comunicação Marítima.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Expansão da influência econômica chinesa pelo mundo.....	49
Figura 2 – Rota marítima da Iniciativa do Cinturão e Rota.....	50
Figura 3 – Países com bases navais ou com possibilidade de possuí-las no futuro.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 CHINA: UM PASSADO LONGÍNQUO.....	10
2.1 A China antiga.....	10
2.2 A China contemporânea.....	12
2.3 O poder naval ganha importância.....	15
3 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DO ALMIRANTE RAOUL CASTEX.....	18
3.1 O ponto de partida.....	18
3.2 A estratégia naval segundo Castex.....	20
3.3 O tríptico de Castex.....	22
3.4 A bipolaridade castexiana.....	25
3.4.1 O cerne da teoria da bipolaridade.....	26
4 A TRANSFORMAÇÃO DA PLAN.....	28
4.1 Mudanças internas e externas.....	28
4.2 <i>White Papers</i> – a estratégia divulgada.....	32
4.3 A PLAN do século XXI.....	34
4.3.1 Os meios de superfície.....	35
4.3.2 Os meios submarinos.....	38
4.3.3 As bases militares em mares distantes.....	40
5 CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A República Popular da China (RPC) é um Estado que durante muito tempo esteve envolvido em conflitos internos por disputas pelo poder entre as diversas dinastias, bem como por questões fronteiriças com seus vizinhos, estendendo-se no sentido anti-horário, desde a Manchúria a Nordeste, passando pela Mongólia ao Norte, Turquestão a Noroeste e chegando ao Tibete a Sudoeste (KAPLAN, 2016).

No século III a.C., após a queda da Dinastia Chin, deu-se início ao período conhecido como “A Era Imperial Chinesa”, que se estendeu até o século XX d.C., marcando o encerramento dos conflitos pelo poder. Além disso, como consequência do fim das disputas fronteiriças, a RPC adquiriu dimensões continentais com um interior constituído por estepes que se prolongam até o *Heartland* de Mackinder, influenciando sua política internacional atual (KAPLAN, 2016).

Como McDevitt (2020) citou em seu livro “A China como potência naval do século XXI-Teoria, Prática e Implicações”, que as circunstâncias estratégicas chinesas mudaram bastante nos últimos 30 anos. O crescimento dos interesses econômicos e de segurança no exterior, uniram-se a objetivos estratégicos tradicionais voltados para o mar, como a unificação de Taiwan e a tomada das ilhas dos mares do Leste e do Sul da China, deixando de lado o enfoque terrestre e trazendo à tona o enfoque no domínio marítimo.

Como parte marcante da sua atual estratégia marítima podemos observar o desenvolvimento qualitativo e quantitativo da Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN¹), resultado de grandes investimentos e que teve como consequência a suplantação,

¹ Pelo uso mais comum, será adotado neste trabalho a sigla do inglês *People's Liberation Army Navy*.

em números absolutos, da Marinha dos Estados Unidos da América (USN²), considerada a maior marinha de águas azuis do mundo desde o fim da Guerra Fria (1991), pela PLAN no último quinquênio. Mas esse marcante investimento no Poder Naval é apenas um dos pilares de sustentação da estratégia chinesa de desenvolvimento, que também inclui uma grande e efetiva: Guarda-Costeira, Marinha Mercante de nível internacional, frota de pesqueiros, capacidade de construção naval internacionalmente reconhecida e capacidade de explorar importantes recursos marinhos (MCDEVITT, 2020).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo identificar os pontos comuns entre a teoria do Almirante Castex e as ações tomadas pela PLAN, a partir do século XXI até os dias atuais, tornando-a uma das maiores marinhas do mundo. Para tanto, serão levantados os aspectos geopolíticos, econômicos e militares da RPC no início do século XXI e as ações que foram colocadas em prática para que seu Poder Naval passasse de regional para global.

Dessa forma, o estudo ficará limitado à abordagem da estratégia naval, sem detalhar assuntos relativos ao aspecto jurídico da pretensão da RPC sobre Taiwan e as outras ilhas em disputa, comparação de poderes combatentes e os aspectos culturais.

Assim, o propósito deste trabalho é identificar a aderência entre a estratégia naval chinesa a partir do século XXI, identificada como *Anti-Access/Area Denial* (A2/AD) e os conceitos da estratégia naval clássica, baseando-se nos pontos principais da “tripartição castexiana”, a fim de concluir se a estratégia naval utilizada atualmente pela RPC, se baseia na teoria castexiana de defesa das linhas de comunicação marítima (LCM) como garantia do transporte marítimo próprio com o intuito de manter a saúde econômica do Estado tanto na paz, quanto na guerra.

² Sigla na língua inglesa: *United States Navy* – USN.

Assim, a relevância deste trabalho está em mostrar se a teoria do Almirante Castex pode ter contribuído na formulação de uma estratégia naval para a PLAN.

Então, o trabalho propõe-se a responder à seguinte questão de pesquisa: Em que medida a Teoria do Almirante Castex de defesa das LCM influenciou a estratégia naval adotada pela RPC para o desenvolvimento do seu Poder Naval no século XXI?

Nesse diapasão, com o intuito de responder à questão de pesquisa foi empregada a metodologia bibliográfica-documental e analítica.

Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho será composto por quatro capítulos, além desta introdução. O capítulo dois, dará um panorama de como era composta a PLAN, sua infraestrutura de construção naval e o seu Poder Naval no final do século XX, baseando-se no livro *“China Goes to Sea: Maritime Transformation in Comparative Historical Perspective”* de Andrew S. Erickson, Lyle J. Goldstein e Carnes Lord (2009) e no livro *“Red Star Over the Pacific”* de Toshi Yoshihara e James R. Holmes (2018).

No capítulo três será relatada a fundamentação teórica da estratégia naval clássica, a partir do estudo das teorias do Almirante Castex, a fim de analisar as suas influências nas ações estratégicas da PLAN no século XXI e a devida aderência dessas ações às teorias anteriormente apresentadas. Nesse capítulo serão usados como fonte de pesquisa primária os livros *“Estratégias Marítimas no Século XXI”* de Lars Wedin (2015) e *“Tratado de Estratégia”* de Hervé Coutau-Bégarie (2010).

No quarto capítulo será apresentada a ascensão da PLAN, suas ações estratégicas, seu desenvolvimento tecnológico, algumas operações executadas pelo seu Poder Naval e sua expansão marítima e terrestre ao redor do mundo, tendo como base primária de pesquisa os livros *“China as a Twenty First Century Naval Power”*, do escritor

Michael A. McDevitt (2020) e *“Red Star Over the Pacific”* de Toshi Yoshihara e James R. Holmes (2018).

Por fim, a conclusão tentará responder à questão de pesquisa apresentada, fundamentando-se nos argumentos teóricos apresentados ao longo dos capítulos e no raciocínio analítico.

2 CHINA: UM PASSADO LONGÍNQUO

Neste capítulo apresentaremos a formação da República Popular da China, falando resumidamente sobre seu histórico dinástico até a formação do seu império. Após isso, vamos falar sobre a queda do império, os conflitos entre o Kuomintang e o Partido Comunista Chinês (PCC) e, a ascensão de Mao Tsé-Tung (1893-1976) como presidente. O período de governo de Deng Xiaoping (1904-1997), sucessor de Mao, será abordado com foco na economia e na situação da Marinha da RPC no período compreendido entre 1978 e 1992, e a subida ao poder de Xi Jinping em 2013, para o leitor poder entender como o desenvolvimento econômico chinês ocasionou a mudança de foco dos investimentos militares do meio terrestre para o marítimo.

2.1 A China antiga

A civilização chinesa é datada pelos historiadores bem antes do nascimento de Cristo. Nesse longínquo passado, o território chinês ainda não estava formado da maneira como conhecemos hoje e constantemente sofria com invasões manchurianas, turcomanas e de mongóis do planalto da Mongólia Interior, ao Norte. Dessas interações com outros povos e do desenvolvimento de uma rica agricultura ao longo de terras férteis, às margens dos Rios Wei e Amarelo, surgiu o grande território chinês de hoje em dia (KAPLAN, 2016).

As primeiras dinastias que se tem registro, foram a Dinastia Xia (2100 - 1766 a.C.), Dinastia Shang (1766 - 1045 a.C.), e Dinastia Zhou (1045 - 256 a.C.). Sendo esta última a

responsável pela expansão da agricultura e do sistema de assentamentos³ para a Planície Central da China, tendo como líderes desses assentamentos parentes diretos do Rei Zhou, o que fortaleceu sua dinastia e tornou-a a mais duradoura da história chinesa (SOUZA NETO, 2020).

A citada planície foi ocupada política e militarmente com dois tipos de assentamentos: os principais, centros de poder político e econômico, e os avançados, militarmente ocupados para a produção agrícola. A crescente autonomia desses territórios autônomos ocasionou o recrudescimento das relações entre si e entre eles e o governo central. A tensão nas relações teve como consequência um período de disputas pelo poder que ficou conhecido como Período dos Estados Combatentes. A Dinastia Chin (221 - 206 a.C.) surgiu vitoriosa desse período e, em sua curta duração, fundou a Era Imperial Chinesa, que perdurou de 206 a.C. até 1911 d.C. (SOUZA NETO, 2020).

O fim da Era Imperial Chinesa teve início no século XIX, após as grandes potências imperialistas europeias expandirem suas ambições sobre aquela região, com o intuito de obterem novas colônias no oriente, assim como fizeram na América, bem como de conseguirem mais mercados consumidores para os seus produtos industrializados. Nesse período ocorreram as duas Guerras do Ópio (1839 - 1842 e 1856 - 1860), onde a Grã-Bretanha, vitoriosa, obrigou os chineses a aceitarem o comércio daquele entorpecente que viciava e causava muitos problemas para a sociedade, além de pagarem indenizações em terras e permitirem a instalação de residentes estrangeiros (MITTER, 2008).

Após a segunda Guerra do Ópio, a China viu-se envolvida na Guerra Sino-Francesa (1884-1885) contra o controle francês do Rio Vermelho, em que saiu derrotada, perdendo as regiões de Tonkin e de Annam, que foram anexadas à Indochina

³ Pequenos territórios com função tanto militar quanto econômica, com certa autonomia do governo central para seu desenvolvimento.

Francesa. Além disso, envolveu-se, também, na Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), contra a expansão japonesa na península coreana, e novamente saiu derrotada, sofrendo a perda da sua influência sobre a península da Coreia, pagando pesada indenização ao Japão (MITTER, 2008).

As derrotas, as duras indenizações, as rebeliões internas (Taiping e Boxers) fruto do descontentamento com a inabilidade dos líderes Qing em lidar com as pressões estrangeiras, a fome e a corrupção instaurada na administração pública, no início do século XX, fizeram eclodir em outubro de 1911, na cidade de Wuhan, uma revolução que ficou conhecida como Revolução Xinhai. Esta revolução pôs fim ao período imperial chinês em 12 de fevereiro de 1912 (MITTER, 2008).

2.2 A China contemporânea

O período entre 1912 e 1949 foi marcado pela disputa pelo poder entre o Kuomintang, partido nacionalista que inicialmente tinha como líder Sun Yat-Sen (1866 - 1925) e após sua morte, Chiang Kai-Shek (1887 - 1975), representando a direita capitalista, e o Partido Comunista Chinês (PCC), que tinha como líder Mao Tsé-Tung (1893 - 1976), representando a esquerda comunista. Desta disputa, emergiu vitorioso Mao Tsé-Tung, que instaurou o comunismo como forma de governo da recém-fundada República Popular da China (MITTER, 2008).

Durante seu governo, Mao Tsé-Tung tentou implantar o socialismo marxista puro na China. Para atingir este objetivo ele primeiramente fez uma reforma agrária, onde 40% das terras agrícolas foram redistribuídas, beneficiando 60% da população. Ele também criou

a política chamada de “Grande Salto para Frente”, a fim de aumentar a produção de aço, carvão e eletricidade, buscando modernizar o país. Além dessas medidas, ele também implementou a Revolução Cultural, que durou de 1966 a 1976, que inculcia cada vez mais na população o viés socialista e afastava-a do modo de vida brando do capitalismo, apesar de ser fortemente anti-intelectual e xenófobo. Nessa época, o culto à imagem de Mao suplantava toda a repressão e era essencial para a união do país (MITTER, 2008).

Com a morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, assume o poder Deng Xiaoping, que durante a Revolução Cultural, havia sido expulso duas vezes do PCC. No início do seu governo, Deng Xiaoping sofreu as consequências das políticas adotadas pelo seu antecessor: preocupação com a ameaça anfíbia representada pelas forças navais soviéticas no nordeste do país; pensamento dos líderes militares e dos cidadãos focado no território continental; exército defasado tecnologicamente, percepção reforçada com o baixo desempenho na guerra com o Vietnã em 1979; a visão da marinha como força defensiva, com o propósito maior de apoiar as ações desenvolvidas em terra, e que tal pensamento era reforçado pelas suas boas relações com os Estados Unidos da América (EUA), que já possuíam a maior e mais moderna marinha do mundo, deixando a sensação de uma certa proteção marítima em caso de agressão soviética ou japonesa; e um complexo industrial-militar pequeno e pouco desenvolvido (ERICKSON *et al.*, 2009).

A partir da década de 1980, ocorreram grandes mudanças internas e externas, principalmente devido à implantação por Deng Xiaoping de uma política econômica conhecida como as “Quatro Modernizações”: agricultura, indústria, ciência e tecnologia e segurança nacional. Além disso, destaca-se, também, à retomada das relações diplomáticas com Estados do sudeste asiático como: Cingapura, Tailândia, Malásia, entre outros, e com os

EUA, a fim de atrair investimentos estrangeiros às suas Zonas Econômicas Especiais (ZEE) (MITTER, 2008).

Com isso, iniciou-se a modernização do país, estimulando a classe intelectual, a entrada de estudantes estrangeiros e de turistas e o envio de estudantes para universidades na Europa, na América do Norte e na Austrália. Ocorreu também um espantoso crescimento econômico e desenvolvimento das ZEE e regiões próximas com abundante oferta de emprego, principalmente no litoral chinês (MITTER, 2008).

Tais mudanças somadas à vontade de Deng Xiaoping de otimizar e modernizar as forças armadas, ao declínio da ex-União Soviética e do seu potencial de ameaça, e à ascensão do General Liu Huaqing (1916-2011) como Chefe do Estado-Maior da PLAN fizeram com que as atenções fossem voltadas para o desenvolvimento da marinha. Assim, Liu Huaqing foi a principal peça desse desenvolvimento, pois possuía proximidade com Deng Xiaoping, tendo sua carreira relacionada com o campo da ciência e tecnologia e a sua formação acadêmica realizada na ex-União Soviética (ERICKSON *et al.*, 2009).

Na época, a Marinha da RPC não passava de uma marinha costeira ou, considerada por alguns, como de águas marrons⁴, com foco principal na defesa do seu território contra invasões estrangeiras, como haviam sofrido num passado não tão distante. Contava com antigos meios adquiridos em 1949, ano de criação da PLAN, junto à Marinha da ex-URSS, sendo quatro submarinos convencionais, dois destróieres e muitos barcos patrulha de pequeno porte. Também contava com embarcações apreendidas dos nacionalistas do Kuomintang, como dez corvetas, quarenta embarcações de desembarque, e várias dezenas de canhoneiras fluviais, caça-minas e embarcações de porto, além de estaleiros, escolas

⁴ Marinha de águas marrons para a MB é uma Marinha de alcance limitado, constituída por navios de pequeno porte e com sistemas de armas mais simples. Para Vidigal, é uma Marinha limitada na sua missão, com capacidade de operar até o limite das águas jurisdicionais, para garantir o direito de exploração das riquezas do solo e subsolo da plataforma continental além da Zona Econômica Exclusiva (VIDIGAL, 2010).

navais e fortificações costeiras construídos com a ajuda de militares soviéticos durante a aliança com a ex-URSS. Fazia parte, da mesma forma, dos meios da PLAN, um submarino convencional lançador de mísseis balísticos de projeto soviético e dez lanchas patrulhas lançadoras de mísseis de cruzeiro, adquiridos já na década de 1970. A marinha possuía uma força aeronaval composta por, aproximadamente 470 aeronaves, incluindo caças à jato MiG-15, bombardeiros à jato Il-28 e aeronaves de ataque Tu-2 movidas à hélice (ERICKSON *et al.*, 2009).

2.3 O poder naval ganha importância

O início da década de 1980 marcou as primeiras ações tomadas para o desenvolvimento da PLAN, sendo, a mais marcante, a reativação do Corpo de Fuzileiros Navais, desativado em 1957, e sua designação junto à Esquadra do Mar do Sul, que possuía os navios anfíbios mais novos e a qual iniciou, a partir de então, exercícios de operações anfíbias em suas ilhas (ERICKSON *et al.*, 2009).

Começou-se a construção de navios de guerra pela RPC utilizando projetos da ex-URSS, sendo construídos destróieres com mísseis guiados da classe *Luda*, fragatas da classe *Jianghu* e as lanchas rápidas de ataque com mísseis da classe *Houjian*, assim como, os primeiros submarinos de ataque movidos a energia nuclear e cerca de sessenta submarinos de propulsão convencional, marcando um aumento significativo na capacidade marítima chinesa. Todas essas ações iniciais tiveram como orientação três diretrizes dada por Liu Huaqing: “construção nacional, compra estrangeira e engenharia reversa” (ERICKSON *et al.*, 2009).

Além dessas diretrizes, Liu Huaqing, vislumbrando um futuro promissor para a RPC, reavaliou o entorno estratégico chinês e definiu uma estratégia marítima em três fases para a PLAN, conforme explicitado por Oliveira (2020):

– 1ª Fase – *Near-cost defense*, na qual a PLAN deveria estar pronta para controlar e vigiar dentro da Primeira Cadeia de Ilhas, Mar Amarelo, Mar da China Oriental e Mar da China Meridional (MCM);

– 2ª Fase – *Near-seas active defense*, nesta fase, a área de operações se estenderia até a Segunda Cadeia de Ilhas e as ações passariam a ser da defesa ativa. Esta fase só estaria completa, quando a PLAN tivesse a capacidade de uma marinha realmente global (COLE, 2010);

– 3ª Fase – *Far-seas projection*, fase na qual a PLAN deveria estar apta para operar de forma independente além da Segunda Cadeia de Ilhas, tornando-se uma marinha de águas azuis.

Durante a década de 1980, o substancial aumento em números de meios da PLAN, a aquisição de sistemas de armas e sensores ocidentais mais modernos, o envio de meios em expedições científicas na Antártica e no Ártico, as primeiras visitas a portos estrangeiros na Ásia, Oriente Médio e América do Norte e o primeiro lançamento de um míssil balístico por um submarino submerso no final dessa década, fez com que ela demonstrasse para o mundo o seu crescimento de dimensão e de operacionalidade (ERICKSON *et al.*, 2009).

Com isso podemos concluir que a PLAN, demonstrou ter completado satisfatoriamente a 2ª fase da estratégia marítima definida por Liu Huaqing.

Após Deng Xiaoping deixar o poder em 1989, assumiu seu lugar Jiang Zemin (1926 -) que se manteve no poder até 2003, sendo sucedido por Hu Jintao (1946 -), no

período de 2003 a 2013. Tanto Zemin como Jintao, mantiveram a política desenvolvimentista de Deng Xiaoping de um Estado em “ascensão pacífica de natureza passiva e não confrontativa”. Com isso, os investimentos nas forças armadas, principalmente na PLAN, mantiveram-se moderados apesar do crescimento econômico, do aumento do fluxo comercial nos principais portos do país, da crescente dependência do petróleo vindo do Oriente Médio e das questões *offshore* ainda sem solução, como Taiwan e as Ilhas Senkaku (FRIEDE, 2022).

Nesse sentido, podemos concluir que durante muito tempo a RPC negligenciou sua marinha, mantendo-a como apoio das forças terrestres e restrita à região litorânea do seu continente. Isso acabou fragilizando a defesa do país, contribuindo para mergulhar o país no chamado “século da humilhação”, em que foi invadido por estrangeiros, e obrigado a comercializar produtos perniciosos, além de pagar pesadas indenizações aos estrangeiros.

3 O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DO ALMIRANTE RAOUL CASTEX

Neste capítulo apresentaremos a evolução do pensamento estratégico Castexiano ao longo do século XX e a sua aplicação atualmente. Para isso, será contextualizado o momento da vida profissional pelo qual o Almirante Castex estava passando, a fim de compreendermos o que o levou a elaborar suas teorias e suas aplicações.

3.1 O ponto de partida

Acostumado com a “caserna” desde o nascimento, Castex, tendo sido reprovado em sua primeira tentativa, ingressou na carreira naval em 1896. Como Segundo-Tenente, teve a oportunidade de servir na Indochina francesa, onde publicou os seus primeiros artigos a partir de 1903. Como Capitão-Tenente, em 1907, participou da renovação da Marinha Francesa, devido a longa divergência doutrinária entre a Teoria de Poder Marítimo do pensamento estratégico do Contra-Almirante Estadunidense Alfred Thayer Mahan (1840 - 1914) e a *Jeune École*⁵ (WEDIN, 2015).

No período da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), Castex, como Comandante do Navio-Patrolha *Altair*, deparou-se com a complexidade da luta contra os submarinos, sendo crítico quanto à manutenção das patrulhas ao longo das Linhas de Comunicações Marítimas, que proporcionava uma considerável dispersão de meios. Desde então, ele passou a preconizar o sistema de comboios, privilegiando, assim, a concentração de tais

⁵ A *Jeune École* apresenta-se contra o dogmatismo da escola histórica de Mahan, fundamentando sua análise sobre o caráter mutante do contexto internacional e, sobretudo, dos instrumentos disponíveis. Ela estima que os ensinamentos das grandes batalhas do passado tornaram-se desatualizados pelo aparecimento de novos meios, utilizados por uma força naval mais fraca, como minas, torpedos e lanchas rápidas para patrulha, que funcionariam como equalizadores do poder (COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 436).

meios. Porém, este sistema é visto como um sistema defensivo e contrário ao pensamento mahaniano, até então defendido por Castex, da batalha decisiva (WEDIN, 2015).

Após a Primeira Guerra Mundial e das inúmeras comissões no mar, o então Capitão de Fragata Castex assumiu o *Service Historique de La Marine* e, concomitantemente, tornou-se professor na Escola de Guerra Naval Francesa. Nesse período escreveu mais dois livros, que somados aos outros quatro lançados no início da sua carreira, destacaram-no entre os seus pares como o maior teórico naval da França (WEDIN, 2015).

Em 1939, no posto de Almirante, foi designado para o Comando da Área Marítima do Canal da Mancha e parte sul do Mar do Norte, pelo então Chefe da Marinha, Almirante François Darlan (1881 - 1942), seu desafeto declarado. Considerada por muitos, como zona marítima sem importância, Castex desde o início enxergou a sua relevância e solicitou ao alto-comando francês mais meios para defendê-la. O mal-estar causado por sua insistência em solicitar mais meios aliado às questões de saúde fizeram-no deixar o serviço ativo ainda em 1939. Durante seu período na inatividade continuou a escrever o seu livro mais importante e conhecido, *Théories Stratégiques* (1939), vindo a falecer em 1968, sepultado com todas as honras (WEDIN, 2015).

Apresentamos de forma bem expedita a carreira do Almirante Castex e como seu pensamento foi, inicialmente, influenciado pela Teoria de Poder Marítimo do Almirante Mahan.

Além disso, as experiências vividas no mar durante a Primeira Grande Guerra e no comando do Navio-Patrolha Altair, bem como nos períodos que serviu nas escolas de formação e no Ministério da Marinha, contribuíram para que o seu pensamento amadurecesse e que, somado às ideias de Sir Julien S. Corbett (1854 - 1922), fizeram com que pudesse desenvolver sua própria teoria.

A partir de agora será detalhada a sua teoria, possibilitando verificarmos a sua validade na atualidade, além da sua aplicação pela PLAN no seu desenvolvimento.

3.2 A estratégia naval segundo Castex

Castex conceitua o propósito da estratégia naval como sendo o de criar, favorecer e aumentar, durante a paz ou a guerra, o poder marítimo de um país (WEDIN, 2015).

O objetivo principal para ele era obter e conservar o controle das linhas de comunicações marítima, o que correlacionou inicialmente com o controle do mar. Ele, entretanto, ao longo dos seus trabalhos, deu maior preferência ao uso de “controle das linhas de comunicações” do que “controle do mar” (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Assim, utilizaremos a primeira expressão neste trabalho.

Antes de mergulharmos no que Castex considerava ser o controle das comunicações marítimas, vamos apontar suas visões em relação à guerra no mar. Para isso, começaremos explicando que Castex, assim como Corbett, defendia não existir o controle total das comunicações. Para eles, o teatro de operações marítimas é constantemente percorrido por atores estranhos ao conflito e que não podem ser impedidos de livre trânsito (WEDIN, 2015).

Assim, devido às dimensões do globo terrestre, o controle total das comunicações é impossível de ser realizado em todos os pontos dos oceanos ao mesmo tempo até pelas forças mais imponentes (WEDIN, 2015).

Outra crítica de Castex era o conceito da “Esquadra em potência”⁶. Para ele, a crença de que a existência de uma esquadra deficiente era suficiente para conter outra esquadra, sendo esta numericamente maior e mais bem preparada, era errado (WEDIN, 2015).

Ele também discorreu sobre o poder aéreo, dizendo que o controle total do ar é ainda mais relativo do que o do mar, sendo um dos primeiros teóricos a pensar na possibilidade de emprego das aeronaves contra o comércio marítimo e os portos comerciais.

Outro ponto destacado significativamente por Castex foi a geografia da costa. Para ele, o desenho do litoral favorecia o defensor que conhecia seus canais navegáveis, seus recifes e águas de pouca profundidade, além de dificultar os ataques ao seu território. O defensor também poderia se movimentar atrás dessas defesas naturais em condições mais seguras. A influência da geografia nas táticas navais, segundo ele, transformava-se de acordo com as evoluções tecnológicas como, por exemplo, a profundidade de emprego de submarinos e minas em águas rasas (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Agora que foram expostos os pontos de vista de Castex acerca da guerra no mar, nos aprofundaremos no seu conceito de controle das comunicações marítimas, sendo que para ele, este conceito é fluido e restrito.

⁶ Teoria desenvolvida pelo Almirante Philip Colomb (1831-1889), partindo do princípio que uma esquadra inativa valia mais do que uma esquadra afundada, diante da desproporção de forças onde o partido mais fraco teria pouca possibilidade de agir com proveito. A simples presença dessa esquadra representaria no campo político, um instrumento de poder a ser levado em conta em um acordo final. No campo militar, uma ameaça, limitando a liberdade de ação do mais forte (COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 462).

3.3 O “tríptico” de Castex

Castex divulgou os *modus operandi* que se complementam, para alcançar e explorar o controle das comunicações, conhecidos como “tríptico de Castex”, que são: o combate entre forças organizadas, o ataque e a defesa das comunicações e a ação do mar sobre a terra. Estes serão descritos a seguir.

O combate entre forças organizadas é complementado levando em consideração a clássica batalha entre esquadras, o bloqueio, que evita a saída das forças organizadas adversárias para o mar, limitando seu trânsito livre, e na possibilidade de emprego da “Esquadra em Potência” juntamente com ofensivas de menor envergadura (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Em relação ao tráfego marítimo das LCM, ele representa a sobrevivência econômica do Estado, não suportando qualquer falta. Para sua proteção, Castex inclui ações como busca ofensiva aos adversários e o ataque aos seus portos e bases (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

O último modo de ação considerado por Castex, une as ações do mar sobre a terra, com foco na exploração do controle das comunicações. Desse modo, ele distinguiu mais três para o Poder Naval influenciar as ações em terra, que seriam: o estabelecimento de pontos de apoio, explorando as características geográficas de uma rede insular ou um “dispositivo oceânico”, a realização de bloqueios e de operações conjuntas (COUTAU-BÉGARIE, 2010). Vamos explicitá-los.

A fixação de pontos de apoio baseados em uma cadeia de ilhas naturais/artificiais ou algum tipo de construção oceânica materializa a importância que Castex atribuía à geografia em seu pensamento estratégico naval, pois ao mencionar a posse de uma rede de

ilhas, ele considerava a flexibilidade de prover, a partir delas, apoio às Forças Organizadas, para que tivessem condições de projetar força contra o território inimigo (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Durante a Primeira Guerra Mundial, o desenvolvimento tecnológico dos armamentos, proporcionando o aumento do alcance deles, fez com que Castex percebesse que tais posições ficavam vulneráveis, sendo necessário reposicioná-las em locais mais afastados do território inimigo. Então, as ilhas mais afastadas permitiriam, simultaneamente, manter a segurança contra ataques da aviação hostil, deslocar forças objetivando projetá-las em áreas de interesse e, também, proporcionar sua própria defesa em profundidade (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

O outro modo de ação refere-se às operações de bloqueio inseridas na categoria de ação do mar sobre a terra. Castex considerava o bloqueio comercial, influenciando negativamente o esforço logístico da estratégia econômica do oponente. Tal bloqueio seria obtido utilizando-se minas, submarinos e navios de superfície. Entretanto, Castex destacava que o bloqueio, embora causasse severas restrições ao esforço logístico adversário, mostrava-se unicamente insuficiente para decidir o conflito. Ele deveria ser complementado por ações que causassem uma maior deficiência ao esforço logístico terrestre (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Alcançamos o terceiro *modus operandi*: as ações do mar sobre a terra. Nele estão inseridas as operações conjuntas⁷. Para Castex, o controle das comunicações marítimas tem um caráter dual onde se defende o comércio marítimo próprio e se ataca o do inimigo, mantendo o seu vínculo com outro continente e quebrando o vínculo do inimigo. Para que

⁷ Coutau-Bégarie (2010) emprega o mesmo conceito de Operações Conjuntas descrito no Glossário das Forças Armadas: operação que envolve o emprego coordenado de elementos de mais de uma força singular, com propósitos complementares, mediante a constituição de um Comando Conjunto (BRASIL, 2015, p. 190).

essa vantagem estratégica da preservação do vínculo com outro continente ocorra é necessário que o Poder Naval participe da batalha em terra, unindo-se ao poder terrestre. A possibilidade de executar operações conjuntas⁸, envolvendo operações anfíbias, permitiu ao Poder Naval alcançar tal objetivo (COUTAU-BÉGARIE, 2010).

Dessa forma, com a obtenção do controle das comunicações, por meio dos modos de ação do “tríptico de Castex”, a estratégia naval contribuirá com os fins da guerra, fazendo-se necessário criar, manter e explorar uma situação que forneça o uso do mar para alcançar os propósitos considerados. Tal situação deverá privar o inimigo da mesma vantagem.

Para isso, notamos a necessidade do emprego complementar desses modos de ação, ou seja, a estratégia naval dos partidos envolvidos esquematizará as condições para atender a uma batalha entre Forças Organizadas que coexistirá com a defesa do tráfego nas LCM.

Analisando as supracitadas características do pensamento estratégico naval “Castexiano”, é necessário destacar uma das observações por ele apresentada: a integralidade entre o combate entre Forças Organizadas e o ataque e defesa ao tráfego das LCM. Castex, com a atuação dos submarinos e da aviação na Grande Guerra, observou que tais modos de ação deveriam ocorrer simultaneamente, a fim de obter o controle das LCM. Ele também nos apresentou os fundamentos da Teoria da Bipolaridade, a seguir mencionada.

⁸ Operação de Guerra Naval lançada do mar, por uma Força-Tarefa Anfíbia sobre litoral hostil, ou potencialmente hostil ou permissivo, com o propósito de introduzir uma Força de Desembarque em terra para cumprir missões designadas (BRASIL, 2015, p. 189).

3.4 A bipolaridade castexiana

Conforme já citado, a partir da utilização da aviação e dos submarinos na Primeira Guerra Mundial, Castex elaborou uma teoria constatando que, com o uso dos novos meios, haveria paralelamente à guerra entre as Forças Organizadas, a guerra das comunicações (COUTEAU-BÉGARIE, 2010).

Castex transferiu para o mar diferentes modos de atuação, segundo dois tipos de guerra distinguidos por Clausewitz: a estratégia de aniquilamento⁹ e a estratégia de desgaste¹⁰. Este é o cume de Castex, a respeito dos outros estrategistas que viam na batalha a razão de ser da estratégia marítima: ele propôs uma estratégia bipolar. Tal inovação permitiu um entendimento mais acurado da guerra naval em toda a sua complexidade. Os pressupostos dessa teoria serão abordados para sua melhor compreensão (COUTEAU-BÉGARIE, 2010).

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) mostrou que a guerra submarina não representava uma repetição da guerra de curso tradicional, a partir de um novo meio. A tática de matilhas do Almirante Karl Dönitz (1891-1980), Comandante da Força de Submarinos alemã não foi conduzida isoladamente por submarinos lançados contra navios mercantes inimigos: eram esquadras submarinas coordenadas e comandadas por um Estado-Maior em terra (COUTEAU-BÉGARIE, 2010).

Assim, Castex ao reconhecer uma nova forma de guerra, coexistindo com a tradicional guerra entre Forças Organizadas, permitiu que a estratégia naval fosse distinguida por ser bipolar. Bernard Brodie (1910 - 1978), um estrategista militar estadunidense, possui o

⁹ A estratégia de aniquilamento refere-se àquela voltada para a completa destruição de um exército inimigo, por meio da batalha clássica (ARON, 1976, p. 122).

¹⁰ A estratégia de desgaste refere-se àquela que explora a manobra, que aguarda o posicionamento oportuno de um exército, visando desferir um golpe sem que haja o enorme derramamento de sangue da batalha clássica (ARON, 1976, p. 126).

mérito de, ao perceber o vulto da transformação descrita por Castex, estabelecer a dissociação entre o controle do mar e a negação do uso do mar:

Quando é praticada em grande escala e com toda a persistência possível por submarinos em grande número [...] esta forma de estratégia pode trazer tal quantidade de sucessos, que pode dar àqueles que a praticam ao menos os benefícios negativos ordinariamente associados com o domínio do mar. Torna-se evidente que um bloqueio de superfície [...] podia agora ser contrabalançado por qualquer coisa semelhante a um contra bloqueio [...] a decisão no mar podia não ser ganha pelo beligerante, Senhor da Marinha mais poderosa, mas por aquele que fosse o menos sensível à interrupção das linhas de comunicações marítimas (BRODIE, 1947, citado por COUTAU-BÉGARIE, 2010, p. 468).

O enunciado de Bernard Brodie sobre os domínios, confirmou a negação do uso do mar abaixo da superfície, separando-a do conceito de controle da superfície do mar. A partir de agora apresentaremos os elementos de interesse da Teoria da Bipolaridade e como contribuirão ao propósito deste trabalho.

3.4.1 O cerne da teoria da bipolaridade

Ao constatar que a guerra das comunicações contemporânea não se limita à guerra de curso tradicional, não podemos considerá-la apenas como uma modalidade secundária da guerra naval. A guerra às comunicações marítimas desenvolveu-se independentemente da guerra entre Forças Organizadas, contribuindo para o alcance de resultados decisivos. Ela não garantirá o controle do mar, mas conduzirá a uma negação de seu uso à força adversária (COUTEAU-BÉGARIE, 2010).

Verificamos que a aquisição do controle do mar pela força naval dominante não garantirá, como no passado, a liberdade de seu uso, ou seja, aquele que exercer o controle

do mar deverá enfrentar ininterruptamente a guerra às comunicações marítimas. Porém, esta não será pacificada por meio do enfrentamento com a Força Organizada adversária, mas resultará em uma guerra de desgaste contra um inimigo submarino de difícil detecção e neutralização, possuidor da iniciativa em escolher o momento e o local de ataque. O verdadeiro controle do mar será alcançado com o cumprimento desta dupla exigência mencionada: ofensiva em uma instância e defensiva em outra (COUTEAU-BÉGARIE, 2010).

Assim, podemos deduzir que a guerra naval deve também se preocupar com a defesa do comércio marítimo, tão importante quanto à ofensiva, permitindo à força naval obter e manter o controle do mar. Essa postura defensiva será importantíssima diante dos esforços do partido adversário em negar a exploração da liberdade do uso do mar, objetivando impedir que o apoio logístico continue alimentando as indústrias de defesa e mantendo o esforço de guerra adversário.

Após distinguirmos, enfim, os elementos de interesse da Teoria da Bipolaridade, quais sejam: os modos de ação relacionados à escolha de uma estratégia naval, compreendidos pelos esforços em obter o controle das comunicações marítimas e a negação do uso do mar pela força adversária, entendemos que o tráfego nas LCM é um dos objetivos da estratégia naval, tanto defensivamente como ofensivamente.

4 A TRANSFORMAÇÃO DA PLAN

Neste capítulo veremos como as mudanças no cenário internacional, a ascensão de Xi Jinping à presidência da RPC e o rápido crescimento econômico marcaram um ponto de inflexão na política externa do país e também alteraram a estratégia marítima da PLAN, fazendo com que esta se transformasse numa das maiores marinhas do século XXI, tendo construído e desenvolvido navios de alta complexidade técnico-científico em seus estaleiros, além de aeronaves de última geração, sistemas de defesa modernos e bases militares ao redor do mundo.

4.1 Mudanças internas e externas

Os EUA identificam a estratégia de defesa ativa e o plano de modernização militar da China como sendo o desenvolvimento de capacidades A2/AD (DOD, 2019). Convém mencionar que durante o desenvolvimento dessas capacidades, nas décadas de 1990 e 2000, o mundo passou por transformações que influenciaram o rumo da RPC.

O fim da Guerra Fria ocasionou mudanças na conjuntura e na estrutura da política mundial, percebidas pelos líderes chineses, que apresentavam duas características, conforme afirmado por Malafaia (2015):

- 1) a diminuição, pelo menos por hora, do risco de conflito entre a China e uma outra grande potência; e
- 2) o aumento dos desafios e dos riscos para a segurança chinesa provenientes de sua periferia imediata, inclusive Taiwan.

Outro acontecimento marcante foi a Guerra do Golfo de 1991, facilmente vencida pelas forças aliadas, tendo como principal ator os EUA. As capacidades apresentadas nessa guerra, principalmente pelas forças estadunidenses, fizeram com que os chefes do exército de libertação popular (PLA¹¹) percebessem que as forças armadas chinesas não estavam preparadas para os conflitos modernos e eram dependentes de tecnologia de ponta, de fluxo de informações constante, e de comunicações, deixando a certeza de um necessário desenvolvimento tecnológico (MALAFAIA, 2015).

A crise do Estreito de Taiwan em 1996, na qual Washington, prontamente respondeu às manifestações militares chinesas contra Taiwan, enviando dois grupos de batalha nucleados em porta-aviões para uma área marítima tão pequena, também deixou claro para Pequim a necessidade de desenvolver e modernizar o Poder Naval do PLA (COLE, 2013).

Além desses acontecimentos bélicos, outro fator que influenciou o rumo chinês foi quando, em 2001, a China tornou-se membro da Organização Mundial do Comércio (OMC) e logo depois adotou uma estratégia de "saída", baseada em incentivar suas empresas estatais a investir e a expandir no exterior. A consequência dessas ações foi a rápida expansão da influência econômica chinesa em torno do mundo, como pode ser visto na Figura 1 (MCDEVITT, 2020), contribuindo, assim, para o crescimento econômico da RPC e defendendo interesses no exterior.

A expansão do comércio desempenhou um papel crítico no crescimento econômico da RPC subindo da centésima posição, em termos de comércio mundial, em 1978 para o maior Estado comercial do mundo em 2013, quando suplantou os EUA. Vale lembrar que em outubro de 1992, Jiang Zemin, então secretário-geral, pediu especificamente à China

¹¹ Pelo uso mais comum, será adotado neste trabalho a sigla do inglês *People's Liberation Army*.

"para abrir mais mercados internacionais, diversificar nossos parceiros comerciais e desenvolver uma economia orientada para a exportação" (MCDEVITT, 2020).

De acordo com a Câmara Internacional de Navegação, com sede em Londres, aproximadamente 90% do comércio mundial viaja por mar e a China é a maior nação comercial do mundo. Logo, pode-se concluir, a partir daí, que aproximadamente 90% do comércio chinês é realizado por via marítima, dando razão a crer que a saúde econômica da China necessita de um ambiente marítimo seguro no qual seus navios mercantes possam navegar sem interrupções (MCDEVITT, 2020).

Em 2007, quando um barco de pesca chinês foi sequestrado por piratas somalis, Pequim foi incapaz de tomar ações mais contundentes para a solução do problema e somente avaliou a situação e esperou por ajuda. Isso reforçou a necessidade de proteção dos interesses chineses em mares distantes e em 2008, pela primeira vez, a China decidiu realizar operações de longa duração no chifre da África (MCDEVITT, 2020).

A ascensão de Xi Jinping ao poder em 2013, juntamente com os seus discursos, demonstrou como os acontecimentos abordados acima foram assimilados e vêm sendo tratados com a devida atenção pelas lideranças chinesas, tendo como consequência o aumento da relevância do mar para o país. Segundo McDevitt (2020), em seu livro *"China as a Twenty First Century Naval Power"*, em uma sessão de estudo do comitê executivo do PCC em julho de 2013, Xi Jinping anunciou que:

a China é ao mesmo tempo uma potência continental e marítima e que possui amplos interesses estratégicos marítimos. Esses interesses giram em torno de quatro fins estratégicos primários (objetivos); primeiro, defender a China de um ataque marítimo dos Estados Unidos; segundo, garantir que o comércio internacional da China, grande parte dele conduzido por mar e do qual a nação depende economicamente, é seguro; terceiro, perseguir os interesses políticos e de segurança globais que os interesses econômicos globais da China criaram; e quarto,

recuperar a soberania sobre seu território marítimo reivindicado - especialmente Taiwan.¹² (MCDEVITT, 2020, p.6, tradução nossa).

Outro discurso dele, também em 2013, foi o anúncio do *Belt and Road Initiative* (BRI), que é um objetivo de cunho estratégico e econômico de ligar mais de 70 países da Eurásia, Oriente Médio e África Oriental em uma rede comercial global financiada pelos chineses para o desenvolvimento de uma infraestrutura relativa ao comércio entre eles. Essa rede comercial no mar vai da RPC através do Mar do Sul da China até o Estreito de Malaca, depois para o oeste através do Oceano Índico, segue para o norte, passando no leste da África, até o Mar Vermelho e o Canal de Suez e finalmente para o Mediterrâneo, como podemos ver na Figura 2. Espantosamente, esta também é a rota que o petróleo do Oriente Médio faz para a RPC. O BRI está intimamente associado ao *China Dream*¹³ e seu objetivo de tornar a RPC igual às maiores nações (MCDEVITT, 2020).

Além do BRI, vimos que dos quatro objetivos estratégicos marítimos apontados por Xi Jinping, três estão relacionados diretamente com o mar e o comércio que nele navega. Isso deixa claro, que as Linhas de Comunicação Marítima de e para a RPC tornaram-se prioridades sob a administração de Xi Jinping.

Veremos a seguir como essas mudanças se refletiram nas estratégias marítimas expressas nos *white papers* chineses.

¹² Tradução do inglês: “China is at once a continental power and a maritime power and that it possesses broad maritime strategic interests.²¹ These interests revolve around four primary strategic ends (objectives); first, defending China from an attack from the sea by the United States; second, making certain that China’s international trade, much of it conducted by sea and on which the nation is economically dependent, is secure; third, pursuing the global political and security interests that China’s global economic interests have created; and fourth, recovering sovereignty over its claimed maritime territory—especially Taiwan”(MCDEVITT, 2020, p.6).

¹³ O sonho chinês está associado a uma sociedade moderadamente próspera, à conquista de uma nova juventude nacional, ao esforço coletivo de erguer o país, no qual o indivíduo honesto, trabalhador e respeitoso possa encontrar a chance de se afirmar. (Land Forces Academy Review Vol.XXV, No 3(99), 2020, tradução nossa).

4.2 *White papers* – a estratégia divulgada

Os *white papers*, mais conhecidos como Livros Brancos de Defesa, foram promulgados pela RPC em periodicidade bianual desde 1998 e mostram claramente a evolução do seu pensamento em relação à estratégia marítima (COLE, 2016).

Ao analisarmos os *white papers*, verificamos que nas primeiras versões divulgadas pela RPC, o papel da marinha ainda era bem modesto, sendo citada apenas como uma componente do PLA, cuja função ainda era a de apoiar o exército e defender o território nacional e as suas ilhas.

A nova estratégia marítima chinesa foi exposta publicamente pela primeira vez no Livro Branco de Defesa de 2015, porém, as origens desta estratégia podem ser traçadas há mais de uma década. O presidente Hu Jintao em um discurso, exortou a necessidade do PLA realizar “Novas Missões Históricas” em face da mudança do ambiente de segurança sentida pela RPC e dos novos requisitos para o desenvolvimento do país. Nesse discurso proferido no final de 2004, foram estabelecidas quatro tarefas para o PLA, conforme Rice e Robb (2021), nos mostra:

- 1) fornecer uma garantia de segurança para consolidar o status dominante do Partido Comunista Chinês;
- 2) fornecer uma forte garantia de segurança para salvaguardar o período de importantes oportunidades de desenvolvimento nacional;
- 3) fornecer apoio estratégico poderoso para proteger a expansão dos interesses nacionais;
- 4) desempenhar um papel importante para salvaguardar a paz mundial e promover o desenvolvimento comum.

Tais tarefas deram o impulso para as operações da PLAN nos mares distantes.

Nesse sentido, desde 2004, o conceito de operações navais de Pequim evoluiu e se expandiu, refinando e transformando a estratégia da PLAN. As “Novas Missões Históricas” foram citadas pela primeira vez no Livro Branco de Defesa de 2006. Esse conceito foi incorporado à constituição da RPC em 2007 (RICE; ROBB, 2021).

Desse modo, a RPC começou a construir a sua primeira plataforma expedicionária multimissão moderna, a *Yuzhao*, um navio de desembarque doca, além de iniciar a reforma do porta-aviões *Liaoning*, antigo porta-aviões russo *Varyag* da classe *Kuznetsov*, adquirido da Ucrânia em 2002. Também lançou seu primeiro navio-hospital, conhecido como “Arca da Paz”. Todos eles com capacidade para realizar operações globais, foram peças críticas para permitir que Pequim avançasse com a implementação de suas “Novas Missões Históricas” e desenvolvesse o conceito de proteção dos mares (RICE; ROBB, 2021).

O Livro Branco de Defesa de 2015 afirma que o aumento dos interesses econômicos da RPC tornou o país mais suscetível às ameaças externas, desastres naturais, terrorismo e epidemias. Com isso, as questões relacionadas à segurança dos interesses nacionais em energia e recursos, LCM, instituições, pessoal e ativos no exterior tornaram-se iminentes (MCDEVITT, 2020).

Atualmente na RPC, o poder marítimo ganhou uma grande importância, principalmente, devido ao fato de ter sido estabelecido como um objetivo estratégico por Xi Jinping. Está diretamente ligado à visão estratégica de Xi Jinping, conhecida como "Sonho da China", de alcançar o rejuvenescimento do Estado chinês até 2049, o centésimo aniversário da fundação da República Popular. Ele tem estabelecido o poder marítimo como um

elemento essencial deste sonho, encorajando uma *Weltanschauung*¹⁴ entre o PCC e o PLA de que o poder marítimo é uma necessidade. Uma vez que foi vinculado o poder marítimo ao “Sonho da China”, tornou-se uma conclusão inevitável de que, enquanto ele estiver no comando, isso continuará sendo um objetivo nacional. Xi Jinping ainda afirma que o desenvolvimento do poder marítimo grande e global fomenta o desenvolvimento econômico sustentado e saudável, além de, salvaguardar a soberania nacional, a segurança e os interesses de desenvolvimento, realizar o objetivo de completar a construção de uma sociedade próspera para, posteriormente, realizar o grande rejuvenescimento da RPC (MCDEVITT, 2020).

O Livro Branco de Defesa de 2019 da RPC, “Defesa Nacional da China na Nova Era”, reitera que a PLAN zelee pela segurança das LCM estratégicas e interesses no exterior, além de participar de operações de cooperação marítimas internacionais, reforçando a ideia do Livro Branco de Defesa de 2015 (RPC, 2019).

Outro ponto de destaque do Livro de 2019, ainda relativo à proteção dos interesses além-mar, é a noção da necessidade de se construir bases e instalações logísticas, destacando o suporte realizado pela Base de Apoio em Djibuti e a evacuação de civis, tanto chineses quanto de outras nacionalidades, do Iêmen em março de 2015 (RPC, 2019).

4.3 A PLAN do século XXI

Em 2009, durante uma entrevista, o Almirante Wu Shengli (1945 -), Comandante da PLAN de 2006 a 2017, disse que no septuagésimo aniversário de criação do PCC, a PLAN

¹⁴ visão de mundo, visão de vida – dicionário Cambridge online

seria uma força com sistemas de armas desenvolvidos tecnologicamente, composta de grandes navios de guerra, com alta resistência subaquática, com novos submarinos furtivos, com aeronaves supersônicas, mísseis de longo alcance, torpedos inteligentes de alta velocidade em águas profundas e sistemas de guerra eletrônica interoperáveis. (YOSHIHARA; HOLMES, 2020).

A PLAN atualmente encontra-se estruturada em três Teatros de Operações e o Corpo de Fuzileiros Navais. Os Teatros de Operações estão designados como: Teatro de Operações Leste, também conhecido como Esquadra *Dong Hai*, o Teatro de Operações Sul, Esquadra *Nan hai*, o Teatro de Operações Norte, também chamado Esquadra *Ben Hai*. Sob esses Teatros de Operações existem bases, flotilhas de submarinos, flotilhas de navios de superfície e brigadas de aviação (RPC, 2019).

4.3.1 Os meios de superfície

Sobre os meios de superfície, o primeiro porta-aviões da RPC, CV-16 *Liaoning*, cuja modernização foi iniciada após as transformações estratégicas chinesas citadas anteriormente como “Novas Missões Históricas”, entrou em serviço em 2012. Com a expertise adquirida na modernização e na operação do CV-16 *Liaoning*, a PLAN pôs o seu segundo porta-aviões, CV-17 Shandong, em serviço em 17 de dezembro de 2019, o primeiro de construção totalmente nacional (O'ROURKE, 2020).

O terceiro porta-aviões, CV-18 Fujian foi lançado ao mar em 17 de junho de 2022, sendo esperado que entre em serviço até 2024. Ele marca um avanço tecnológico e operacional já que conta com um sistema mais eficiente e avançado de catapultagem

eletromagnética tripla, diferente do sistema de rampa dos outros dois. Isso permite às aeronaves decolarem com uma carga útil maior, além de reduzir o tempo necessário entre as catapultagens. Ao mesmo tempo, a RPC está construindo uma infraestrutura para apoiar o CV-18. As bases navais de *Sanya* e *Yulin* em *Hainan*, no Mar da China Meridional, estão sendo ampliadas. Um enorme dique seco, grande o suficiente para um porta-aviões, foi construído. E a Base Aérea Naval de *Lingshui*, que hospeda as aeronaves que compõem a ala aérea embarcada do Fujian, quando este está no porto, está sendo reformada (SUTTON, 2022).

O principal avião de caça operado a bordo é o J-15 ou *Flying Shark*, uma aeronave derivada do projeto russo Su-33 *Flanker* que pode operar a partir de porta-aviões equipados com rampa no lugar de catapultas, mas com limitações de alcance de carga útil. Rupprecht e Grevatt, escritores da *Jane's Defence Weekly*, afirmaram em dezembro de 2021 que a RPC desenvolveu uma versão atualizada e com capacidade de catapulta do J-15 que poderia melhorar a carga útil quando lançado por catapulta. Também afirmaram que ela planeja desenvolver um modelo atualizado do seu caça furtivo J-20 de quinta geração e ou do FC-31 de quinta geração (supostamente, agora designado J-35) para complementar ou suceder o J-15. Também está em desenvolvimento uma aeronave de alarme aéreo antecipado (AEW) baseada em porta-aviões, chamada KJ-600, muito semelhante à aeronave estadunidense E-2 *Hawkeye*, e drones furtivos (O'ROURKE, 2022).

Várias novas classes de navios de superfície foram construídas em território nacional, incluindo um novo cruzador, várias classes de destróieres e fragatas, uma nova classe de corvetas e uma nova classe de navios patrulha armados com mísseis. Essas novas classes de meios de superfície demonstram uma modernização significativa da tecnologia de superfície da PLAN (O'ROURKE, 2022).

O *Department of International Affairs* dos EUA afirma que "*the era of past projects gave way to the production of modern multi-mission destroyers, frigates and corvettes*"¹⁵. Assim, está em construção uma nova classe de cruzador, classe *Renhai* ou Tipo 055, que alegadamente desloca entre 12.000 e 13.000 toneladas, em que oito deste tipo já foram lançados ao mar, sendo que três entraram em serviço em 2021 (O'ROURKE, 2022).

Os contratorpedeiros da classe *Luyang III*, ou tipo 052D, que deslocam cerca de 7.500 toneladas e estão equipados com radares *phased-array* e sistemas mísseis de lançamento vertical muito semelhantes aos dos cruzadores e destróieres da Marinha dos EUA, estão em produção em série há algum tempo e 20 unidades do tipo *aegis* (Tipo 052) são mantidas em serviço. No entanto, até 2025, é provável que a PLAN lance ao mar mais 20 unidades. Xaunzun, repórter do *Global Times*, afirmou em março de 2021 que a China está comissionando uma versão atualizada do Tipo 052D, informalmente chamado de Tipo 052 DL, que incorpora um convés de voo estendido e um novo radar (O'ROURKE, 2022).

A fragata da classe *Jiangkai II* (Tipo 054A), que desloca cerca de 4.000 toneladas, também é outro tipo de navio desenvolvido e construído nos estaleiros chineses. Entre 2008 e 2019, 30 unidades do Tipo 054A entraram em serviço e ainda há um lote em construção (O'ROURKE, 2022).

A RPC também incorporou grandes números de um novo tipo de corveta chamada classe *Jiangdao* ou Tipo 056. Estima-se que ela desloque entre 1.300 e 1.500 toneladas. Elas foram construídas a uma alta taxa anual em quatro estaleiros, chegando a ter 72 unidades. As últimas unidades sofreram modificações para realizar guerra antissubmarino (ASW) tendo sido colocado um sonar rebocado. Após 22 unidades serem transferidas para a Guarda Costeira, a PLAN conta atualmente com 50 corvetas Tipo 056 (O'ROURKE, 2022).

¹⁵ Departamento de Relações Internacionais. "A era dos projetos passados deu lugar à produção de modernos destróieres multimissão, fragatas e corvetas. (Tradução nossa)

Em relação aos navios anfíbios, a RPC colocou em serviço um novo tipo de navio de assalto anfíbio, chamado *Yushen* ou Tipo 075 em abril de 2021. Tem um deslocamento estimado de cerca de 35.000 toneladas. Em março de 2022, foi relatado que o primeiro navio desse tipo havia alcançado a capacidade operacional inicial. O segundo navio desse mesmo tipo foi comissionado no final de dezembro de 2021. O terceiro teria sido lançado em 29 de janeiro de 2021, porém, não foi comissionado até a confecção deste trabalho. Em julho de 2020, foi relatado que a RPC poderia estar planejando construir o primeiro de uma nova classe de navios de assalto anfíbio, chamada de Tipo 076, que seria equipada com catapultas eletromagnéticas, o que aumentaria seu espectro de capacidades em suportar operações por aeronaves de asa fixa. A PLAN também possui 05 navios anfíbios Tipo 071, *Yuzhao*, de tamanho menor, deslocando estimadas 20.000 toneladas (O'ROURKE, 2022).

4.3.2 Os meios submarinos

A PLAN vem modernizando constantemente sua força submarina, e a maioria de seus submarinos agora são construídos com projetos chineses mais novos e muito mais capazes. A maioria dos seus submarinos são de ataque não nucleares (SS). Ela também opera um pequeno número de submarinos de ataque movidos a energia nuclear (SSN) e um pequeno número de submarinos de mísseis balísticos movidos a energia nuclear (SSBN). A PLAN colocou uma alta prioridade na modernização de sua força submarina, mas sua estrutura de força continua a crescer modestamente à medida que trabalha para amadurecer sua força, integrar novas tecnologias e expandir seus estaleiros. A PLAN provavelmente manterá entre 65 e 70 submarinos até a década de 2020. A expansão atual nos estaleiros de produção de submarinos pode permitir números de produção futuros

maiores, sendo o crescimento estimado dos atuais 68 submarinos (6 SSBN, 7 SSN e 55 SS) em 2020 para 76 (8 SSBN, 13 SSN, e 55 SS) em 2030. O mais novo projeto construído em série na RPC é o SS da classe *Yuan* (Tipo 039), sua mais nova classe é o SSN da classe *Shang* (Tipo 093), e sua mais nova classe SSBN é o *Jin* (Tipo 094). Em fevereiro deste ano, uma nova classe de SS, menor que o *Yuan*, foi relatada, mas não está claro se esse design é destinado à marinha da China, para exportação para outros países ou ambos (O'ROURKE, 2022).

Equipado com o míssil balístico JL-2, os seis SSBN da classe *Jin* operacionais da PLAN representam o primeiro dissuasor nuclear baseado no mar crível da RPC. Cada SSBN dessa classe pode transportar até 12 JL-2. O SSBN Tipo 096 da próxima geração da RPC, que provavelmente começou a ser construído no início de 2020, terá um novo tipo de SLBM. Espera-se que a PLAN opere os SSBN Tipo 094 e Tipo 096 simultaneamente. Isso se alinharia com a diretiva de 2018 do presidente Xi Jinping, para a força de submarinos alcançar um “crescimento mais forte” (O'ROURKE, 2022).

Em meados da década de 2020, a RPC provavelmente construirá o submarino de ataque nuclear de mísseis guiados Tipo 093B. Esta nova variante da classe *Shang* aumentará a capacidade de guerra antisuperfície da PLAN e poderá fornecer uma opção furtiva de ataques a alvos terrestres, se for equipado com mísseis de cruzeiro de ataque terrestre (O'ROURKE, 2022).

Os submarinos da PLAN estão armados com um ou mais dos seguintes armamentos: mísseis de cruzeiro antisuperfície, torpedos guiados por fio e de esteira (*wake-homing*) e minas. Os torpedos do tipo *wake-homing* são muito difíceis de serem detectados pelos navios de superfície, devido à sua característica peculiar de corrida. Cada SSBN da classe *Jin* está armado com 12 mísseis balísticos JL-2. Um relatório de 2 de maio de

2021, afirmou que os últimos submarinos SSBN classe Jin estão armados com um novo míssil balístico de longo alcance chamado de JL-3 (O'ROURKE, 2022).

4.3.3 As bases militares em mares distantes

Neste item, o trabalho se concentrará nas instalações militares que estão em uso ou sendo construídas no Oceano Índico, Oriente Médio e Oceano Atlântico, conforme pode ser visto na Figura 3, pois considera que a rede de bases insulares tem o fim precípuo de defesa do continente e das LCM próximas, porém, não realiza o apoio logístico adequado dos meios da PLAN.

As patrulhas antipirataria no Golfo de Áden deram à Pequim a real dimensão do problema em proteger suas linhas de comunicação estratégicas. Isso ia muito além do Estreito de Malaca. Ademais, a proximidade com outras marinhas, especialmente a da Índia e a Quinta Esquadra da marinha estadunidense mostrou o risco que suas LCM enfrentavam. Outros pontos a serem destacados foram as problemáticas de abastecimento e manutenção enfrentados pelos navios que realizavam patrulhas no Golfo de Áden. Tudo isso levou a PLAN a inaugurar em 1º de agosto de 2017, sua primeira base militar no exterior, a base militar de Djibuti (MCDEVITT, 2020).

Na sua expansão pelo mundo, a RPC por meio da empresa *China Overseas Port Holding Company*, firmou um contrato de aluguel do porto de Gwadar com o governo paquistanês por 40 anos. Gwadar é um porto importante que faz parte de sua estratégia BRI. A República das Maldivas também negociou um acordo com a RPC para o arrendamento de longo prazo de um porto. Assim, vemos que a PLAN está se expandindo rapidamente e

claramente pretende dominar o Indo-Pacífico. Se o porto de Gwadar for convertido em uma base naval, em algum momento no futuro, permitirá que a PLAN mantenha uma presença permanente no Mar Árabe e no Golfo de Omã (KANWAL, 2018).

Continuando com sua estratégia BRI, em novembro de 2021 foi divulgada nas principais mídias internacionais a intenção da RPC construir uma base naval na República da Guiné Equatorial, voltada para o Oceano Atlântico. Dessa forma, afastando-se da postura tradicional do desenvolvimento de infraestrutura, Pequim iniciou um novo tema, a formação de uma aliança Sino-Africana com intenção de desenvolver tanto a economia quanto a segurança (TANCHUM, 2021).

Com isso, vemos que a RPC aprendeu muito rápido que uma grande marinha exige um suporte logístico também grande, e busca, portanto, firmar acordos que contribuam com a construção de uma rede logística através das principais rotas LCM.

Conseguimos concluir que o espantoso crescimento da economia chinesa auxiliou o desenvolvimento do país, mas também fez crescer a sua dependência de fontes energéticas e relações comerciais além-mar. Além disso, isso fomentou a estratégia marítima chinesa, pois fez o país enxergar a necessidade de um poder naval dissuasório que proporcione a expansão da sua influência ao longo das LCM e, que também, pudesse proteger o seu território e suas LCM estratégicas que sustentam o desenvolvimento do país, sua influência regional no sudeste asiático, contribuindo, assim, para no futuro ser uma marinha global.

Nesse sentido, podemos verificar, baseado no capítulo anterior, como a obtenção do controle das comunicações marítimas, tendo como pilar a “Bipolaridade de Castex”, pode ter influenciado a estratégia aval da China para que pudesse transformar sua marinha, de característica regional, até uma projeção global, respaldada pelo seu crescimento econômico

e desenvolvimento, a fim de proteger o seu comércio marítimo e, assim, garantir a continuidade do seu enriquecimento e um futuro próspero para sua população, sem o fantasma da fome e da miséria que há pouco assolara o país.

5 CONCLUSÃO

Nesta dissertação buscamos analisar o desenvolvimento da estratégia naval da PLAN no período compreendido entre 2000 e 2021, sob a ótica da teoria da “Bipolaridade de Castex”, dando enfoque às LCM. Para atingir esse propósito, realizamos o confronto entre a teoria e a realidade para a identificação dos pontos de aderência e singularidades.

Concluimos o quão espantoso foi a evolução da RPC e conseqüentemente da sua marinha. Primeiramente, foi exposto um breve resumo da sua história e como as invasões sofridas no século XIX causaram a miséria do país, o sofrimento e a morte da sua população. Após vencer esse período e se organizar internamente, verificamos que a RPC enxergou o comércio internacional como o caminho para uma economia forte e a educação como a base do desenvolvimento do país. Pudemos verificar que utilizando-se desses dois fatores, ela teve o suporte necessário para então focar na defesa do seu território e evitar um novo “século da humilhação”. Com isso, vimos que ela investiu grandes recursos financeiros para modernizar o PLA e a defesa do território continental, com a aplicação da estratégia A2/AD.

Nesse sentido, concluimos que com a consolidação da estratégia A2/AD, ela começou a olhar para suas LCM como um importante pilar de sustentação do Estado. Assim sendo, comparando essa visão à Teoria da Bipolaridade de Castex, que afirma que a estratégia naval está compreendida em obter o controle das comunicações marítimas, preocupando-se com a defesa do comércio marítimo, tão importante quanto à ofensiva, e a negação do uso do mar pela força adversária, podemos dizer que, atualmente, a RPC está trabalhando para controlar suas LCM.

Nesse diapasão, vimos que o Almirante Liu Huaqing foi o precursor do desenvolvimento da marinha do PLA quando, ainda na década de 1980, definiu sua

estratégia marítima em 3 fases: a *near-cost defense*, a *near-sea active defense* e a *far-sea projection*. Mas, o verdadeiro impulso para os mares distantes foi dado por Xi Jinping, quando estabeleceu o poder marítimo como um objetivo estratégico essencial para a consecução do “Sonho Chinês”, sua grande visão estratégica.

Assim, verificamos que a PLAN vem desenvolvendo meios cada vez mais modernos e maiores, com capacidade de operar por longos períodos afastados de suas bases, aumentando a sua interoperabilidade e a capacitação do seu pessoal. O lançamento ao mar do seu terceiro porta-aviões, a base naval de Djibuti e os acordos econômicos e militares com países africanos e do golfo arábico mostram que a RPC percebeu que uma marinha global exige um grande suporte logístico, e na busca de executar a terceira fase da estratégia de Huaqing, ela vem expandindo sua influência ao redor do mundo, firmando acordos que contribuam com a construção de uma rede logística através das suas principais rotas de LCM.

Por fim, respondendo à questão central do trabalho, percebemos a existência de uma aderência entre a estratégia marítima da PLAN e a Teoria da Bipolaridade de Castex, na medida que a PLAN busca proteger suas LCM e construir bases de apoio para seus meios tão afastadas do seu território. Ainda em relação às LCM, a PLAN mantém em operação muitos submarinos, que, certamente, serão usados para atacar as LCM dos Estados adversários em caso de conflito.

Portanto, podemos afirmar que o propósito principal do trabalho foi alcançado.

A fim de ampliar a questão, sugerimos para um próximo estudo, que seja verificado se a Teoria da Bipolaridade de Castex pode contribuir para a elaboração de uma estratégia marítima brasileira para a proteção da Amazônia Azul.

REFERÊNCIAS

ARON, Raymond. Penser la guerre, Clausewitz. L'âge européen. Paris: Bibliothèque des Sciences Humaines. Gallimard, 1976. 472 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. Publicação MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas. 5a ed. Brasília, D.F., 2015.

CAMBRIDGE DICTIONARY. *Weltanschauung*. 2020. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/weltanschauung>>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

COLE, Bernard D. Asian Maritime Strategies: Navigating Troubled Waters. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2013. 322 p.

_____. China's quest for great power: ships, oil, and foreign policy. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2016. 283 p.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Tratado de estratégia. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760 p. Título original: *Traité de stratégie*.

ERICKSON, Andrew S.; GOLDSTEIN, Lyle J.; LORD, Carnes. China goes to sea: maritime transformation in historical perspective. 1ª edição. Annapolis: Naval Institute Press, 2009. 485 p.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255p. (Coleção Aprender).

FRIEDE, Reis. As Pretensões da Rússia de Dominar o Comércio Global. Revista Marítima Brasileira, v. 142 n. 01/03 jan/mar 2022. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2022.

JABBOUR, Elias. China: Socialismo e Desenvolvimento - sete décadas depois. São Paulo, SP: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2019. 244p.

KAPLAN, Robert D. The revenge of geography: what the map tells us about coming conflicts and the battle against fate. New York: Random House, 2012. 403 p.

KANWAL, Gurmeet. Pakistan's Gwadar Port: A New Naval Base in China's String of Pearls in the Indo-Pacific. 2018. Disponível em: <https://csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/180717_Kanwal_PakistansGwadarPort.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022

MALAFAIA, Thiago. Modernização Militar na RPC: Mudança Doutrinária e Implementação Prática. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, 2015. p. 130-162.

MCDEVITT, Michael A. China as a Twenty-First-Century Naval Power: Theory, Practice and Implications. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2020. 320 p.

MITTER, Rana. China Moderna. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2011. 178 p.

OLIVEIRA, Henrique A. de. A EVOLUÇÃO DA MARINHA DO EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO POPULAR DA CHINA E SEUS EFEITOS NO MAR DA CHINA MERIDIONAL: A adesão da Diplomacia da República Popular da China a Teoria do Perturbador. 2020. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br.egn/files/CEMOS_098_MONO_C_C_CA_AUGUSTO.pdf>. Acesso em: 23 maio 2022.

O'ROURKE, Ronald. China Naval Modernization: Implications for U.S. Navy Capabilities - Background and Issues for Congress. Congressional Research Service, 08 de março de 2022. Disponível em:<<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/RL/RL33153/261>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA (RPC). Action plan on the Belt and Road Initiative. Beijing: The State Council the People's Republic of China, 2015a. Disponível em: <http://english.www.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content_281475080249035.htm>. Acesso em: 02 de jul. de 2022.

_____. Livro Branco de Defesa de 2019, Título original: China's National Defense in the New Era. Beijing: The State Council Information Office of the People's Republic of China, 2019. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/publications/node_48467.htm>. Acesso em: 12 jul. 2022.

_____. Livro Branco de Defesa de 2015, Título original: China's Military Strategy. Beijing: The State Council Information Office of the People's Republic of China, 2015. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/publications/2021-06/23/content_4887928.htm>. Acesso em: 12 jul. 2022.

_____. Livro Branco de Defesa de 2013, Título original: The Diversified Employment of China's Armed Forces. Beijing: Information Office of the State Council of the People's Republic of China, 2013. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/publications/2021-06/23/content_4887929.htm>. Acesso em: 12 jul. 2022.

_____. Livro Branco de Defesa de 2010, Título original: China's National Defense in 2010. Beijing: Information Office of the State Council of the People's Republic of China, 2011. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/publications/2021-06/23/content_4887922.htm>. Acesso em: 12 jul. 2022.

RICE, Jennifer; ROBB, Erik. "China Maritime Report n°. 13: The Origins of "Near Seas Defense and Far Seas Protection"" (2021).CMSI China Maritime Reports. 13. 2021. Disponível em: <<https://digital-commons.usnwc.edu/cmsi-maritime-reports/13/htm>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SOUZA NETO, João Alves de. O caminho geopolítico de "A arte da guerra de Sunzi" : produção do espaço, geopolítica e guerra no Período de Estados Combatentes (séc. V-III aec.) da China Antiga / João Alves de Souza Neto. – Campinas, SP: [s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/61308832/O_caminho_geopol%C3%ADtico_de_A_arte_da_guerra_de_Sunzi_produ%C3%A7%C3%A3o_do_espa%C3%A7o_geopol%C3%ADtica_e_guerra_no_Per%C3%ADodo_de_Estados_Combatentes_s%C3%A9c_V_III_aec_da_China_Antiga>. Acesso em: 11 maio 2022

SUTTON, H. I. China Launches First Aircraft Carrier Which Rivals U.S. Navy's. 2022. Disponível em: <<https://www.navalnews.com/naval-news/2022/06/china-launches-first-aircraft-carrier-which-rivals-u-s-navys/>>. Acesso em: 16 jul. 2022

TANCHUM, Michaël. China's new military base in Africa: What it means for Europe and America. 2021. Disponível em:<<https://www.nbc.com/news/defense-military/2021-06-23-china-new-military-base-in-africa>>. Acesso em: 16 jul. 2022

<https://ecfr.eu/article/chinas-new-military-base-in-africa-what-it-means-for-europe-and-america/>>. Acesso em: 18 jul. 2022

UNITED STATES OF AMERICA – USA. Department of Defense. Military and Security Developments Involving the People’s Republic of China 2019, Annual Report to Congress, Washington, 2019.

VIDIGAL, Armando F. Consequências Estratégicas para uma Marinha de Águas Marrons. Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, nº 16 (2010), p. 7-20.

WEDIN, Lars. Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do Almirante Castex. Tradução de Reginaldo Gomes Garcia dos Reis et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015. 236 p.

YOSHIHARA, Toshi; HOLMES, James R. Red star over the Pacific: China's rise and the Challenge to U.S. maritime strategy. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2010. 292 p.

ANEXO A

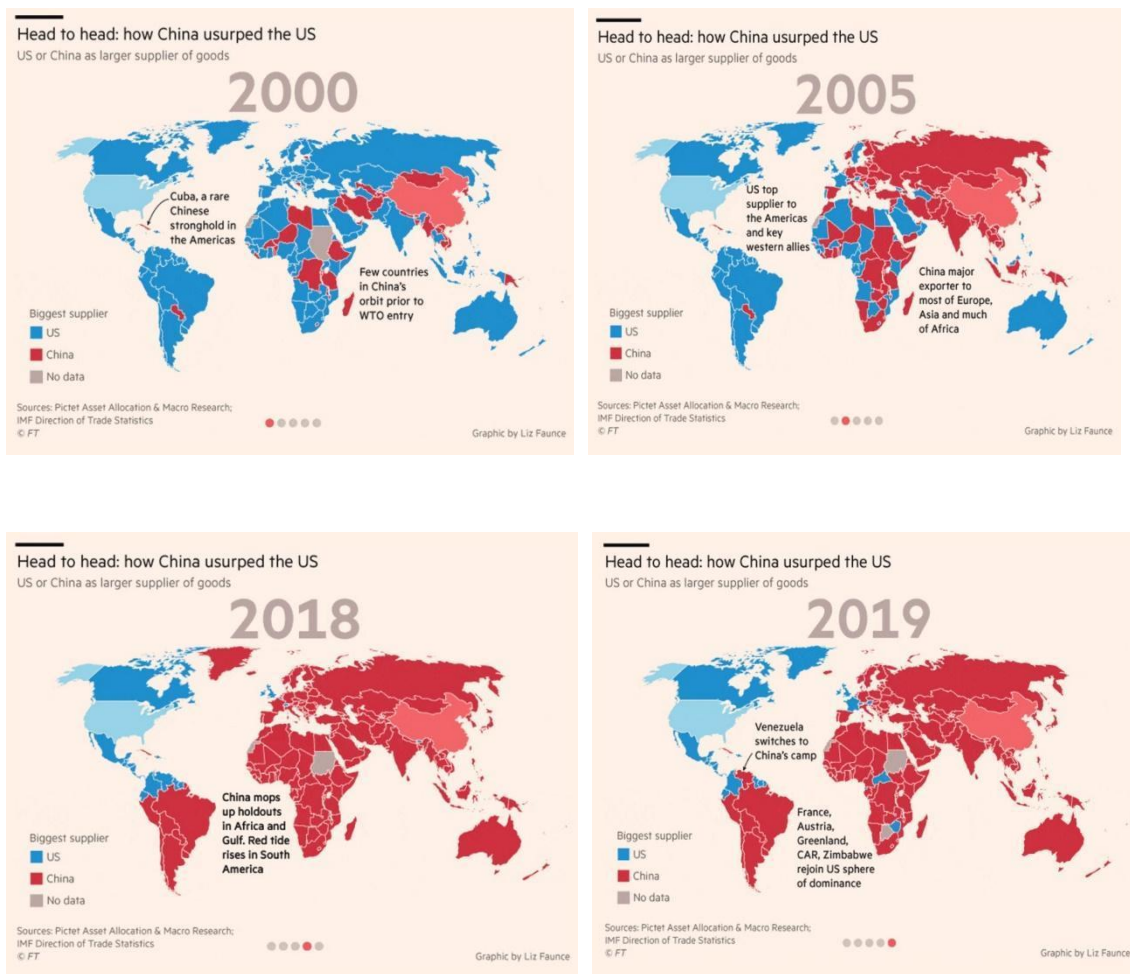


FIGURA 1 – EXPANSÃO DA INFLUÊNCIA ECONÔMICA CHINESA PELO MUNDO.

Fonte:

<https://www.forte.jor.br/2021/08/25/como-a-china-superou-os-eua-como-principal-fornecedor-global-de-bens/>

Acesso em: 9 jul. 2022.

ANEXO B

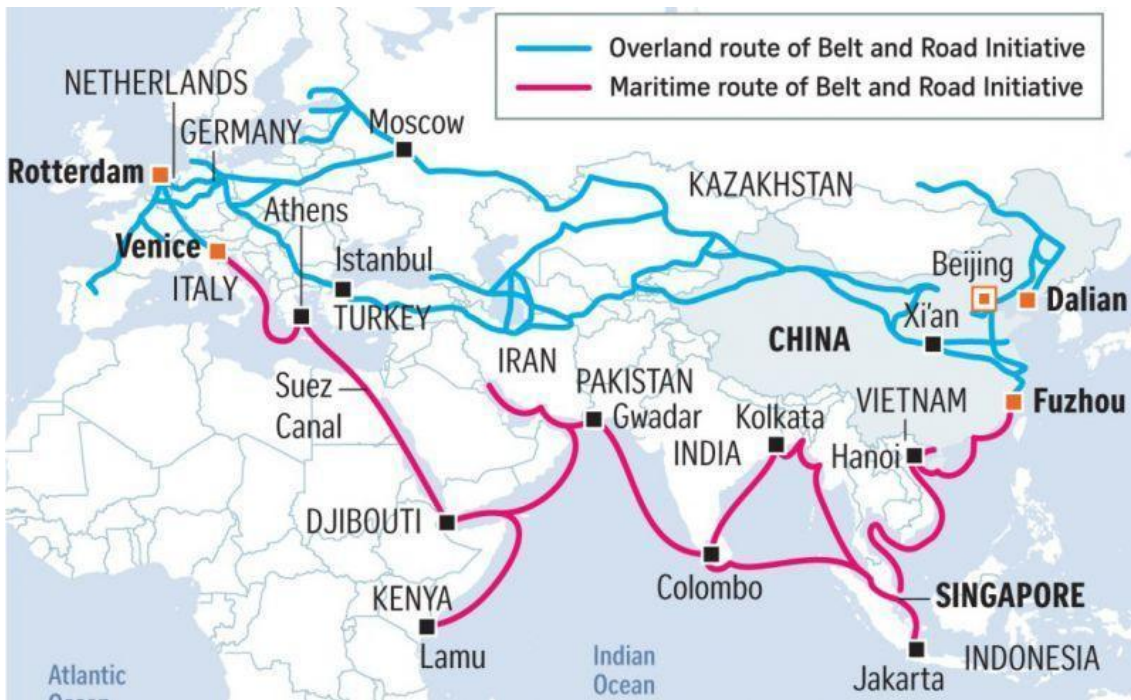


FIGURA 2 – Rota marítima da Iniciativa do Cinturão e Rota.

Fonte:

<https://www.forte.jor.br/2021/07/08/uniao-europeia-comeca-a-trabalhar-em-rival-da-iniciativa-belt-and-road-da-china/>

Acesso em: 18 jul. 2022.

ANEXO C



FIGURA 3 – Países com bases navais ou com possibilidade de possuí-las no futuro.

Fonte: <https://www.economist.com/china/2022/05/05/china-wants-to-increase-its-military-presence-abroad>
Acesso em: 18 jul. 2022.